

ATIVIDADE LEITEIRA, AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ESTUDO DE CASO DA LINHA TORMEM, CHAPECÓ – SC

Priscila Casari¹
Patrícia Tormem²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é identificar a relevância socioeconômica da atividade leiteira para a agricultura familiar e para o desenvolvimento regional. No decorrer do artigo, apresentou-se o comportamento da produção de leite em âmbito nacional, estadual e regional, apontando as principais características da atividade leiteira na Região Oeste Catarinense. Foi realizado um estudo de caso na localidade da Linha Tormem, interior do município de Chapecó-SC, em que foram realizadas entrevistas com os produtores de leite. Utilizou-se o conceito de Brose (1999), que define desenvolvimento regional a partir do acesso que os indivíduos têm a serviços de saúde, educação e especialização profissional, moradia digna, transporte, lazer e outros. Entre outros resultados obtidos, conclui-se que a atividade leiteira, na Linha Tormem, tem relevância socioeconômica e promove o desenvolvimento.

Palavras-chave: leite, agricultura familiar, desenvolvimento regional.

1 INTRODUÇÃO

Na região oeste catarinense, onde se localiza Chapecó, a produção de agropecuária é predominantemente familiar, sendo que 95% das propriedades ocupam mão-de-obra dos componentes do núcleo familiar (TESTA ET AL, 2003, p.16).

Tradicionalmente, essas famílias trabalhavam com a produção de suínos. Mello

(2002) explica que, nas décadas de 50 e 60, se fortalece na região o desenvolvimento das agroindústrias, gerando processo de urbanização e modernização da agricultura oestina. Nos anos 80 início dos 90, ocorreu um processo de exclusão por parte das agroindústrias em relação aos pequenos suinocultores. Isto porque as agroindústrias estavam passando por um processo de transformação para redução de custos e aumento de produtividade, buscando produzir em grande escala.

Testa et al. (1996) apontam que na década de 80, 67 mil famílias tinham como fonte de renda a suinocultura, já em 1995 restavam apenas 20 mil famílias nessa condição. A partir da crise da suinocultura, a produção familiar de leite vem tendo considerável crescimento na região Oeste. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE (apud Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/Embrapa 2006), a produção de leite na Região Oeste cresce continuamente desde os anos oitenta, no período de 1990 a produção de leite atingiu 274.798 (mil litros), em 2004 foi de 1.047.004 (mil litros), acumulando um crescimento de 281,01% o que implica num crescimento anual médio de 20,07%.

Desta forma, há necessidade de se estudar as conseqüências e os impactos gerados pela atividade leiteira no desenvolvimento da Região Oeste. No entanto, desenvolvimento regional não tem um conceito único e pode ser avaliado a partir de vários aspectos levantados por diferentes autores. Segundo Boisier (apud GIL, 2002, p. 68), o desenvolvimento regional é um processo de mudança social e sustentável, que tem como principal objetivo o progresso permanente de uma comunidade, e de seus respectivos membros, que vivem num determinado espaço regional.

Já para Arend e Orłowski (2006), desenvolvimento regional objetiva um desenvolvimento direcionado às características, peculiaridades de cada local, buscando integrar de forma interdisciplinar os aspectos naturais, econômicos e sociais. Sendo fundamental a interação e a participação da sociedade, visando potencializar os pontos positivos e também a busca de soluções para os pontos críticos.

De acordo com Vasconcelos e Garcia (apud OLIVEIRA, 2002, p. 50), o desenvolvimento regional deve resultar do crescimento econômico acompanhado da melhoria do padrão de vida da população, isto é, realizando alterações no produto e

na alocação de recursos pelos setores da economia, visando a melhorar os indicadores de bem-estar econômico e social, tais indicadores como pobreza, desemprego, desigualdade, educação e moradia.

Na mesma linha de raciocínio, Oliveira (2002) argumenta que o desenvolvimento regional deve ser analisado como um processo de mudanças e transformações econômicas, políticas, humanas e sociais. Com incremento positivo no produto e na renda, convertendo para satisfazer as necessidades do ser humano, como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, conservação do meio ambiente.

Brose (1999) descreve o desenvolvimento como um processo que implica mais que crescimento econômico, mas também o acesso a: educação formal, oportunidades de formação e especialização profissional, lazer e vida comunitária, meio ambiente o menos degradado possível, moradia digna, construção da cidadania etc. O autor resume o desenvolvimento como o acesso à oportunidade de crescimento e realização pessoal e afirma que a melhoria de renda é um elemento fundamental para o desenvolvimento humano, mas não o suficiente.

O mesmo autor argumenta que o desenvolvimento regional, representa uma estratégia que deve assegurar para o território em questão (comunidade, município ou microrregião), uma melhoria das condições socioeconômicas a médio e longo prazo. O conceito de desenvolvimento regional tem caráter endógeno, um processo sustentado no aproveitamento das oportunidades e capacidades locais, mesmo sendo necessários recursos externos, e pressupõe a participação de todos os atores sociais e econômicos, públicos e privados. Um processo dinamizador e catalisador das oportunidades existentes naquele território.

Ainda Brose (1999), afirma que o desenvolvimento regional surge da solidez da cidadania, do êxito econômico do empreendedorismo, de produtos competitivos, do uso adequado e sustentável de recursos naturais, da pluriatividade institucional, do poder de compra dos consumidores, de preços adequados, da disponibilidade de recursos financeiros, tecnologia, de um mercado consumidor compatível. E, principalmente participação nas decisões políticas das lideranças da comunidade e dos atores sociais envolvidos.

A partir da visão de que o desenvolvimento regional está relacionado não apenas ao aumento da renda, mas também ao bem-estar da família, o presente artigo busca responder a seguinte questão: qual a importância socioeconômica da produção de leite para a agricultura familiar e para desenvolvimento regional?

O objetivo geral é estudar a importância socioeconômica da atividade leiteira para a agricultura familiar e para o desenvolvimento regional, e especificamente: estudar o comportamento geral da atividade leiteira nacional e regional a partir dos anos 1990; identificar as principais características da atividade leiteira da região Oeste de Santa Catarina; e analisar a relação entre a atividade leiteira e o desenvolvimento regional a partir do estudo de caso da Linha Tormem.

A área de abrangência da pesquisa foi a região Oeste do Estado de Santa Catarina. Foi desenvolvido um estudo de caso na Linha Tormem interior do município de Chapecó – SC. A amostra da pesquisa foi intencional por ser uma localidade constituída principalmente por produtores de leite, com pequenas propriedades familiares.

Aplicaram-se, a todos os produtores de leite da Linha Tormem, entrevistas estruturadas. Foram entrevistados sete produtores de leite, durante o mês de maio de 2007, para identificar e buscar com profundidade informações referentes à importância socioeconômica da atividade leiteira, para a agricultura familiar e para o desenvolvimento regional.

O artigo apresenta a evolução da produção leiteira no Brasil e no Estado de Santa Catarina, caracteriza a agricultura familiar e a produção de leite na região oeste do estado e relaciona desenvolvimento regional à atividade leiteira na Linha Tormem, além das considerações finais.

2 ATIVIDADE LEITEIRA NO BRASIL E NO ESTADO DE SANTA CATARINA

2.1 Evolução da produção leiteira no Brasil

Conforme Embrapa (2006), o Brasil ocupa a sétima posição no ano de 2005 na classificação mundial dos principais países produtores de leite. A produção de leite no Brasil atingiu 23,32 bilhões de litros no ano de 2005, e a produção de leite dos Estados Unidos, o maior produtor mundial do ano de 2005, foi de 80,150 bilhões de litros.

Segundo FAO (apud EMBRAPA, 2006), observa-se uma tendência de crescimento na produção de leite no Brasil. A produção de leite apresentou crescimento de 60,69% entre o período de 1990 a 2005, representando um crescimento médio anual de 4,05%.

Na Tabela 1 a seguir, são apresentados os dados referentes ao período de 1980 a 2005.

Tabela 1 – Produção de leite, vacas ordenhadas e Produtividade animal no Brasil, no período de 1980 a 2005.

Ano	Produção de Leite (milhões litros/ano)	Vacas Ordenhadas (mil cabeças)	Produtividade (litros/vaca/ano)
1980	11.956	16.513	724
1981	11.675	16.492	708
1982	11.816	16.387	721
1983	11.818	16.276	726
1984	12.303	16.743	735
1985	12.453	17.000	733
1986	12.879	17.600	732
1987	13.399	17.774	754
1988	13.941	18.054	772
1989	14.532	18.673	778
1990	14.484	19.073	759
1991	15.079	19.964	755
1992	15.784	20.476	771
1993	15.591	20.023	779
1994	15.783	20.068	786
1995	16.474	20.579	801
1996	18.515	16.274	1.138
1997	18.666	17.048	1.095
1998	18.694	17.281	1.082
1999	19.070	17.396	1.096
2000	19.767	17.885	1.105
2001	20.510	18.194	1.127
2002	21.643	18.793	1.152
2003	22.254	19.256	1.156
2004	23.475	20.023	1.172
2005	25.000	20.820	1.201

Fonte: IBGE / FAO, (apud EMBRAPA, 2006).

Observa-se, na Tabela 1, que houve um aumento de 109,10% na produção de leite no Brasil, crescimento médio anual foi de 4,20%%. O plantel de vacas ordenhadas em 1980 correspondeu em 16.513(mil cabeças), em 2005 representou

20.820 (mil cabeças), variação de 26,08%. A produtividade de leite/vaca/ano em 1980 era de 724, no ano de 2005 era de 1.201, acumula um crescimento de 58,23% o que significa um crescimento anual de médio de 2,24%.

Tabela 2 – Evolução da produção de leite por Mesorregiões de 1995 a 2004.

UF		Mesorregiões	Produção de leite (mil L)		Dif %
			1995	2004	2004/95
1	RO	Madeira – Guaporé	13	58	356
2	AC	Vale do Acre	24	102	322
3	MT	Nordeste Mato – Grossense	19	65	243
4	AM	Sul Amazonense	2	5	211
5	RO	Leste Rondoniense	189	588	210
6	MA	Oeste Maranhense	56	172	207
7	PA	Sudeste Paraense	170	517	203
8	SE	Agreste Sergipano	13	37	181
9	SE	Sertão Sergipano	32	84	160
10	SC	Oeste Catarinense	412	1047	154
11	BA	Centro Norte Baiano	71	181	154
12	PR	Centro – Sul Paranaense	74	179	143
13	RN	Central Potiguar	32	75	132
14	TO	Oriental do Tocantins	19	43	128
15	GO	Noroeste Goiano	106	238	125
16	MT	Norte Mato – Grossense	75	166	123
17	GO	Norte Goiano	82	182	121
18	RN	Leste Potiguar	17	37	121
19	PR	Sudeste Paranaense	216	455	110
20	PE	Agreste Pernambucano	138	284	105

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal (apud EMBRAPA, 2006)

A Tabela 2 apresenta as Mesorregiões onde mais cresceu a produção de leite, um comparativo do ano de 1995 com o ano de 2004. Constata-se que a Mesorregião que obteve maior crescimento, assumindo a primeira posição no *ranking* foi a

Madeira – Guaporé – RO, com crescimento de 1995 para 2004 de 356%. Destacando que o Oeste Catarinense – SC assumiu a 10º posição no *ranking*, com crescimento de 1995 para 2004 de 154%.

A próxima seção apresentará a evolução da produção leiteira em Santa Catarina no período de 1990 a 2005.

2.2 Evolução da produção leiteira em Santa Catarina

Conforme Embrapa (2006), o Estado de Santa Catarina tem sua economia sustentada por atividades agropecuárias. A produção de leite está se constituindo em uma atividade indispensável para a sustentação de renda de um expressivo número de produtores, atividade importante como geradora de emprego e renda fora do meio rural.

Em relação ao Estado de Santa Catarina, o crescimento da produção leiteira também tem se dado de forma continua nos últimos anos, entre os anos de 1990 e 2004, o acréscimo na produção de leite foi de 128,77%, o que representa um crescimento médio anual de 9,20%. Em 1990, a produção de leite foi de 650 milhões de litros. Em 2004, atingiu 1487 milhões de litros.

Tabela 3 – Vacas ordenhadas (cabeças), Produção de leite (1000 litros), Produtividade (litros / vaca / ano) e Efetivo bovinos (cabeças) no Estado de Santa Catarina, no período de 1990 a 2005.

Ano	Vacas ordenhadas (cabeças)	Produção (1000litros)	Produtividade (litros/vaca/ano)	Efetivo bovino (cabeças)
1990	563137	650409	1154	2994111
1991	608167	661035	1086	3057416
1992	614542	707888	1151	3047147
1993	629709	735867	1168	3017369
1994	657929	780121	1185	2960343
1995	672641	815378	1212	2992986
1996	513668	866067	1686	3097657
1997	518604	852169	1643	3087053
1998	527450	870809	1650	3090120
1999	544711	906540	1664	3052952
2000	576656	1003098	1739	3051104
2001	598637	1076084	1797	3096275
2002	611722	1192690	1949	3117737
2003	643420	1332277	2070	3189825
2004	695055	1486662	2138	3263414
2005	722230	1555622	2153	3376725

Fonte: Embrapa Gado de leite – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (2006)

A Tabela 3 mostra dados obtidos através da Embrapa no período de 1990 a 2005, vacas ordenhadas (cabeças), produção (1000 litros), produtividade (litros/vaca/ano) e o efetivo bovino (cabeças). O rebanho de vacas ordenhadas no Estado de Santa Catarina passou de 563.137 cabeças em 1990 para 722.230 cabeças em 2005, o que corresponde a um incremento de 28,25%. Em relação ao rebanho de vacas ordenhadas no Brasil, o crescimento no mesmo período foi de 9,16%, comparado com o crescimento do rebanho em Santa Catarina o nacional foi inferior.

A produção de leite do Estado apresentou um crescimento de 139,18%%, no período de 1990 para 2005, realizando um comparativo com a produção de leite nacional no mesmo período que correspondeu em 60,69%, a produção Catarinense obteve um maior crescimento.

A produtividade média animal, em 1990, era de 1154 litros/vaca/ano e, em 2005, passou para 2153 litros, o que representou um incremento de 86,57%, constata-se que a produtividade (litros / vaca/ ano) nacional apresentou um crescimento 58,23% no mesmo período, crescimento nacional da produtividade (litros / vaca/ ano) inferior a do Estado de Santa Catarina. Vale ressaltar que este índice de produtividade é relativamente baixo, quando comparado com a produtividade de rebanhos especializados na produção de leite, porém, os dados de produção de leite da Embrapa englobam gado de corte, gado de leite e gado misto.

Em 2005, Santa Catarina contava com um efetivo bovino de 3.376.725 cabeças, enquanto em 1990 este efetivo era de 2.994.111 cabeças, representando, assim, um aumento de 12,78%.

A Tabela 4 identifica dados da Pesquisa da Pecuária Municipal do IBGE, referente à evolução da produção de leite no Estado no período 1991/2001. No período de 1991 a 2001, o Estado de Santa Catarina apresentou um aumento de 62,8% na produção de leite, passando de 661 milhões de litros em 1991 para 1.076 milhões de litros em 2001, correspondendo em 5,2% da produção de leite nacional. Ainda no ano de 2001 a produtividade animal média do Estado foi de 1.796 litros/vaca/ano, acima da média nacional, que foi em torno de 1.200 litros/vaca/ano.

Tabela 4 – Evolução da produção de leite nos Estados de 1991 a 2001.

Posição	UF	Produção de leite (milhões de litros)			Diferença % 2001/1991	% do total 2001	Produtividade litros / vaca
		1991	1996	2001			
1º	MG	4.319	5.601	5.981	38,50	29,2	1337
2º	GO	1.166	1.999	2.322	99,1	11,3	1095
3º	RS	1.488	1851	2.222	49,1	10,8	1846
4º	PR	1.240	1.514	1.890	52,4	9,2	1642
5º	SP	1.980	1.985	1.783	-9,9	8,7	1029
6º	SC	661	866	1.076	62,8	5,2	1796
7º	BA	795	660	739	-7	3,6	486
8º	RO	252	317	476	88,9	2,3	996
9º	PA	245	238	459	87,3	2,2	606
10º	RJ	391	432	447	14,3	2,2	1.146
11º	MS	421	407	445	5,7	2,2	972
12º	MT	239	375	443	85,4	2,2	1.073
13º	ES	300	320	362	20,7	1,8	1.131
14º	PE	317	422	360	13,6	1,8	1.003
15º	CE	299	390	328	9,7	1,6	751
16º	AL	208	223	244	17,3	1,2	1.410
17º	TO	112	144	166	48,2	0,8	450
18º	MA	134	139	155	15,7	0,8	495
19º	RN	108	160	143	31,2	0,7	803
20º	SE	98	135	113	15,3	0,6	863
21º	PB	156	150	106	-32,1	0,5	620
22º	AC	22	31	86	290,9	0,4	804
23º	PI	59	75	78	32,2	0,4	400
24º	AM	39	27	38	-2,6	0,2	567
25º	DF	14	28	37	164,3	0,2	1.423
26º	RR	13	11	9	-30,8	0	409
27º	AP	2	2	3	50	0	500
TOTAL		15.078	18.616	20.610	88	100	1.127

Fonte: IBGE – Pesquisa da Pecuária Municipal 2001 (apud EMBRAPA, 2006)

Tabela 5 – Produção de leite Brasileira por Estados de 1985 a 2004 (milhares de litros).

Estado	1985	1995/96 ⁽¹⁾	2002	2003	2004
MG	3.772.411	5.499.862	6.177.356	6.319.895	6.628.917
GO	1.055.295	1.830.057	2.483.366	2.523.048	2.538.368
PR	919.892	1.355.487	1.985.343	2.141.455	2.394.537
RS	1.280.804	1.885.640	2.239.607	2.305.758	2.364.936
SP	1.810.408	1.847.069	1.748.223	1.785.209	1.739.397
SC	603.704	869.419	1.192.690	1.332.277	1.486.662
BA	648.995	633.339	752.026	794.965	842.544
RO	47.279	343.069	644.103	558.651	646.437
PA	122.660	287.217	576.794	585.333	639.102
MT	122.917	375.426	442.803	467.095	491.676
MS	268.014	385.526	472.208	481.609	491.098
RJ	424.191	434.719	447.403	449.425	466.927
ES	281.412	308.002	374.897	379.253	405.717
PE	308.419	406.606	391.577	375.575	397.551
CE	354.021	384.836	341.029	352.832	363.272
MA	97.559	139.451	195.447	230.205	286.857
AL	110.022	188.172	224.014	241.016	243.430
TO	88.501	144.921	186.069	201.282	214.720
RN	140.735	158.815	158.277	174.146	201.266
SE	92.933	134.392	112.168	139.003	156.989
PB	172.938	154.923	117.024	125.872	137.322
AC	18.146	32.538	103.848	100.039	109.154
PI	62.336	73.459	74.930	74.179	75.757
AM	19.325	27.005	39.571	41.605	42.912
DF	14.986	19.716	37.163	38.200	38.888
RR	7.426	9.534	8.200	8.115	7.290
AP	1.089	2.049	3.310	3.240	3.274
Brasil	12.846.418	17.931.249	21.643.738	22.253.863	23.474.694

⁽¹⁾ Período de 1/08/95 a 31/07/96.

Fonte: IBGE - Censos Agropecuários de 1985 e de 1995/96 e Produção Pecuária Municipal (apud Embrapa, 2006).

A tabela 5 mostra dados sobre a produção de leite brasileira segundo os Estados no período de 1985/2004. Verifica-se que a produção leiteira no Brasil do ano de 1985 para 2004 aumentou em 82,73%. O estado de Santa Catarina 1985 produziu 603.704 (mil litros) de leite, o que representou na produção nacional 4,70%. Já no ano de 2004, a produção de leite Catarinense atingiu 1.486.662(mil litros) de leite, representando 6,33% na produção brasileira. O crescimento da produção do Estado de Santa Catarina, no período de 1985 para 2004, foi de 146,26%.

Tabela 6 – Produção de leite por Micro e Mesorregiões de Santa Catarina de 1995 a 2004 (milhares de litros).

Micro e Mesorregião	1985	1995/96 ⁽¹⁾	2000	2003	2004
Chapecó	75.139	145.240	167.552	288.876	333.459
Concórdia	50.351	90.351	103.500	148.189	162.897
Joaçaba	60.603	83.293	93.362	96.661	111.559
São Miguel do Oeste	61.030	128.612	174.002	270.567	326.954
Xanxerê	23.370	37.655	64.391	102.312	112.138
Oeste Catarinense	270.493	485.151	602.808	909.605	1.047.007
Canoinhas	21.609	46.422	46.320	47.268	47.268
Joinville	32.659	22.900	22.512	19.765	19.539
São Bento do Sul	4.401	4.903	5.219	5.583	5.577
Norte Catarinense	58.669	74.225	74.051	72.616	72.384
Florianópolis	6.767	6.392	7.935	10.382	10.513
Tabuleiro	9.219	12.436	15.196	26.395	28.324
Tijucas	9.509	9.315	9.303	8.629	10.085
Grande Florianópolis	25.495	28.143	32.433	45.406	48.922
Campos de Lages	34.315	36.567	40.505	41.497	42.484
Curitibanos	12.838	14.708	13.666	14.748	15.769
Serrana	47.153	51.275	54.171	56.245	58.253
Araranguá	14.526	14.778	11.585	11.376	10.508
Criciúma	14.781	18.004	17.629	16.747	18.178
Tubarão	32.866	48.245	50.279	57.340	65.619
Sul Catarinense	62.173	81.027	79.493	85.463	94.305
Blumenau	48.995	38.971	40.701	34.821	32.007
Itajaí	5.908	6.737	8.870	11.014	8.616
Ituporanga	18.879	22.964	26.205	29.189	31.020
Rio do Sul	65.939	80.925	84.365	87.927	94.156
Vale do Itajaí	139.721	149.597	160.142	162.951	165.799
Santa Catarina	603.704	869.418	1.003.098	1.332.286	1.486.670

⁽¹⁾ Período de 1/08/95 a 31/07/96.

Fonte: IBGE (apud Embrapa 2006).

A Tabela 6 apresenta dados do IBGE referente à produção segundo as Micros e Mesorregiões de Santa Catarina no período de 1985/2004. A análise dos dados foi realizada no período de 1985/2004. Analisando os dados verifica-se que o crescimento médio de 1985 para 2004 na produção de leite do Estado de Santa Catarina foi de 146,26%, constando que a mesorregião Oeste cresceu acima da média estadual 287,07%. As mesorregiões Grande Florianópolis, Sul Catarinense, Serrana, Norte Catarinense e Vale do Itajaí cresceram respectivamente 91,89%, 51,68%, 23,54%, 23,38%, 18,66%. Na mesorregião Oeste a microrregião com destaque foi a de São Miguel do Oeste com crescimento de 435,73%, as demais microrregiões Xanxerê, Chapecó, Concórdia e Joaçaba cresceram respectivamente 379,84%, 343,79%, 223,52% e 84,08%.

Observa-se que no ano de 1985 a produção de leite do Oeste catarinense representou 44,80% na produção Estadual, já no ano de 2004 passou a representar 70,43% da produção do Estado de Santa Catarina.

3 AGRICULTURA FAMILIAR NO OESTE CATARINENSE E A ATIVIDADE LEITEIRA

Essa seção procura caracterizar a agricultura familiar da Região Oeste Catarinense e analisar a produção e a evolução da atividade leiteira no Oeste.

Os produtores de suínos da Região Oeste excluídos das integrações das agroindústrias, em meados dos anos 80 e início dos anos 90, encontram na atividade leiteira uma alternativa de utilização de recursos da propriedade, ocupação da mão-de-obra familiar e renda. Outro ponto positivo que viabiliza a produção de leite nas propriedades rurais é o ingresso mensal de receitas.

Na Tabela 7, verifica-se o incremento no número de vacas ordenhadas, a quantidade de leite produzido, vendido e o percentual de leite comercializado no período de 1985 e 1995. Observa-se que nesse período o leite aumentou sua importância comercial nas propriedades do Oeste, no ano de 1985 a participação das vendas sobre a produção era de 54% e já no ano de 1995 a participação foi de 72%.

Tabela 7 – Vacas ordenhadas e quantidade de leite produzido e vendido no Oeste Catarinense entre 1985 e 1995.

Ano	Vacas ordenhadas		Quantidade		
	Número	Litros/vaca	Produzida (mil L)	Vendida (mil L)	Variação (%)
1985	184.466	1.458	269.058	146.294	54
1995	259.481	1.869	485.151	348.060	72
Variação (%)	40,7	28	80,3	137,9	—

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE 1985 e 1995/1996 (apud I Seminário Macrorregional da atividade Leiteira 2000).

Na Tabela 8, os dados revelam que no Oeste Catarinense, em 1995, registraram-se 70,5 mil agricultores que produziam um total de 485 milhões de litros, o Oeste corresponde no Estado 48,45% dos agricultores e 55,80% da produção de leite do Estado de Santa Catarina. Observa-se que um pouco mais da metade, 54,09%, dos agricultores da região vendem o leite que produz. Em 1995, a quantidade vendida foi de 348 milhões de litros de leite, representando 62,48% do leite comercializado no Estado.

Tabela 8 – Produtores e vendedores de leite, volume de produção e de venda na mesorregião Oeste segundo Microrregiões e o total de Santa Catarina.

Microrregião	Leite produzido			Leite vendido		
	Informantes	Média vaca	Produção (mil L)	Informantes	Quantidade (mil L)	Litros por dia
Chapécó	24.519	3,27	145.240	12.782	98.794	21
Concórdia	11.288	4,33	90.351	7.192	68.377	26
Joaçaba	10.257	3,83	83.293	4.443	59.748	37
São Miguel do Oeste	17.600	3,84	128.612	10.665	96.385	25
Xanxerê	6.913	3,37	37.655	3.107	24.756	22
Total Oeste Catarinense	70.577	3,68	485.151	38.179	348.060	25
Total do Estado	145.668	3,46	869.419	61.394	557.077	25

Fonte: IBGE (1998) - Censo Agropecuário 1995/1996 – Santa Catarina (apud I Seminário Macrorregional da atividade Leiteira 2000).

A Tabela 9, a seguir, descreve dados sobre a produção de leite do Estado de Santa Catarina no período de 1985 a 2004, segundo as mesorregiões do Oeste Catarinense; Norte Catarinense; Grande Florianópolis; Serrana; Sul Catarinense e Vale do Itajaí.

Tabela 9 – Produção de leite no Estado de Santa Catarina, segundo as Mesorregiões de 1985 a 2004 (milhões de litros).

Mesorregião	1985	1995/96 ⁽¹⁾	2000	2003	2004
Oeste Catarinense	270,5	485,2	602,8	909,6	1047,0
Norte Catarinense	58,7	74,2	74,1	72,6	72,4
Grande Florianópolis	25,5	28,1	32,4	45,4	48,9
Serrana	47,2	51,3	54,2	56,2	58,3
Sul Catarinense	62,2	81,0	79,5	85,5	94,3
Vale do Itajaí	139,7	149,6	160,1	163,0	165,8
Santa Catarina	603,7	869,4	1.003,1	1.332,3	1.486,7

Fonte: IBGE (apud CEPA/SC 2006).

Nota: (1) Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Conforme se verifica pelos dados, a Região Oeste Catarinense é a maior região produtora do Estado. Em 2004, a produção de leite do Estado de Santa Catarina atingiu 1,487 bilhões de litros (11,59% mais que em 2003). A produção de leite do Oeste Catarinense representou no Estado de Santa Catarina, em 1985 44,81%, em 1995/96 55,81%, em 2000 60,09%, em 2003 68,27% e em 2004 representou 70,42%. Verifica-se, ainda, que tanto o Estado de Santa Catarina, quanto a Região Oeste obtiveram uma evolução na produção de leite de 1985 para 2004 de, respectivamente, 146,26% e 287,06%.

Tabela 10 – Vacas ordenhadas, produção de leite (1000 litros), produtividade e efetivo bovinos na Região Oeste Catarinense, no período de 1990 a 2005.

Ano	Vacas ordenhadas (cabeças)	Produção (1000litros)	Produtividade (litros/vacas/ano)	Efetivo bovino (cabeças)
1990	221972	274798	1237	1125943
1991	247329	283460	1146	1151812
1992	264322	339285	1283	1140548
1993	267583	355663	1329	1108311
1994	300572	381108	1267	1095181
1995	313754	411738	1312	1119528
1996	263604	482251	1829	1324842
1997	270668	472995	1747	1305887
1998	275325	484594	1760	1295322
1999	294067	516906	1757	1310163
2000	322995	602808	1866	1324492
2001	341789	665910	1948	1378002
2002	355619	790821	2223	1376855
2003	378570	909602	2402	1427273
2004	415666	1047004	2518	1443506
2005	434027	1107954	2552	1495917

Fonte: Embrapa Gado de leite – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (2006).

A Tabela 10 caracteriza informações sobre o número de vacas ordenhadas, produção, produtividade, e o efetivo de bovino da Região Oeste no período de 1990 a 2005. O número de vacas ordenhadas, em 1990, era de 221.972, em 2005, passou para 434.027, obtendo um aumento de 95,53%, acima do crescimento de vacas ordenhadas Estadual, que foi de 28,25% no mesmo período.

Pode-se perceber que a produção de leite na região cresce continuamente. Em 1990, a produção do Oeste atingiu 274.798 mil litros, em 2005, 1.107.954 (mil litros), uma variação de 303,19% ou crescimento médio anual de 18,95%. O crescimento da Região Oeste foi maior em comparação ao do Estado, 139,18% de crescimento acumulado e crescimento médio anual de 8,70% da produção de leite Estadual.

Em relação à produtividade (litros/vacas/ano), no ano de 1990, era de 1237 litros, já em 2005 atingiu 2552 litros, aumento de 106,30% na produtividade. Nesse período, o Estado apresentou um crescimento na produtividade de 86,57%, inferior se comparado com o do Oeste Catarinense.

No ano de 1990, o Oeste contava com um efetivo de bovino de 1.125.943 cabeças, enquanto, em 2005, este efetivo passou para 1.495.917 cabeças, correspondendo a um aumento de 32,85% no efetivo bovino. No entanto, o Estado de Santa Catarina apresentou um crescimento no efetivo bovino de 12,78%, crescimento menor do que o do Oeste Catarinense.

4 DESENVOLVIMENTO REGIONAL E ATIVIDADE LEITEIRA NA LINHA TORMEM

A localidade da Linha Tormem, interior município de Chapecó, é constituída por 10 propriedades rurais. Dessas propriedades, sete desenvolvem a atividade leiteira, logo a produção de leite é a principal atividade da comunidade. Com intuito de caracterizar a importância socioeconômica da produção de leite, realizou-se um estudo de caso dessa localidade, em que foram entrevistados os sete produtores de leite em suas propriedades no mês de maio de 2007³. Os resultados a seguir procuram evidenciar algumas características dos produtores e de suas propriedades.

Dos sete produtores entrevistados, três produtores possuem renda mensal entre R\$ 1.500,00 a R\$ 3.000,00, três produtores têm renda mensal entre R\$ 3.001,00 a R\$ 6.500,00. A variação de renda da propriedade com menor renda para a maior, ou seja, a diferença de renda da propriedade 1 para a propriedade 7 é de R\$16.389,00. A renda média mensal por propriedade é de R\$ 6.001,57 e a renda *per capita* média mensal é de R\$ 1.500,39.

Em relação ao nível educacional, cinco produtores possuem ensino fundamental incompleto, representando 71%, e dois produtores possuem ensino médio completo, correspondendo em 29%.

Sobre a propriedade, os resultados mostram que seis são menores que 50 ha e apenas uma propriedade possui mais de 50 ha, cinco produtores afirmaram que utilizam menos de 30 ha para produção de leite, dois responderam que utilizam mais do que 30 ha para a atividade leiteira. Todos os produtores entrevistados têm plantações de milho e afirmaram que a produção de milho na propriedade é para a alimentação do rebanho. Além da atividade leiteira, alguns produtores também têm outras atividades: dois desenvolvem a avicultura, dois produzem soja e um produz trigo.

A Tabela 11 apresenta a renda anual das propriedades por atividade. Observa-se que para as propriedades 1, 2, 5 e 6 a única atividade final é a produção de leite, ou seja, 100% da renda gerada nas propriedades provém da produção de leite.

Na propriedade 3, a renda anual da atividade leiteira, da avicultura, da soja e do trigo que correspondem, respectivamente, a 40%, 30%, 15% e 15%. Na propriedade quatro, a produção de leite representa 73% da renda e a avicultura representa 27% da renda anual da propriedade. Na propriedade sete, a atividade leiteira corresponde a 92% e as plantações de soja, 8% na renda anual.

Verifica-se que a atividade leiteira, em todas as propriedades, tem maior significância para a renda anual. A renda anual total das sete propriedades apresenta a seguinte representatividade por atividade: produção de leite 85%, avicultura 8%, soja 5% e o trigo 2%.

A renda anual da atividade leiteira na Linha Tormem é de R\$ 343.600,00 e 28 pessoas dependem da renda da atividade, logo, a renda anual *per capita* média da atividade leiteira é de R\$ 12.271,43, correspondendo a uma renda mensal *per capita* média de R\$ 1.022,62.

Os dados reforçam o que os produtores de leite da Linha Tormem responderam nas entrevistas, pois afirmaram que, atualmente, atividade que mais bem remunera e tem maior rentabilidade é a produção de leite.

Tabela 11 – Renda anual das propriedades por atividade (R\$).

Propriedade	Leite	Avicultura	Soja	Trigo	Total
1	20.000,00	-	-	-	20.000,00
2	19.200,00	-	-	-	19.200,00
3	20.000,00	15.000,00	7.500,00	7.500,00	50.000,00
4	48.000,00	18.000,00	-	-	66.000,00
5	72.000,00	-	-	-	72.000,00
6	20.400,00	-	-	-	20.400,00
7	144.000,00	-	12.000,00	-	156.000,00
Total	343.600,00	33.000,00	19.500,00	7.500,00	403.600,00

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir da pesquisa de campo (2007).

A agricultura familiar fundamentou-se, fortemente, na atividade leiteira da Linha Tormem. Todas as propriedades entrevistadas têm participação efetiva de membros da família que trabalham na produção de leite, condizendo com o que Testa et al. (2003) apresenta em relação às propriedades agropecuárias do Oeste Catarinense sobre a ocupação de mão-de-obra familiar.

As sete propriedades têm mão-de-obra familiar. Verifica-se que no total do número de pessoas que trabalham na atividade 70% é mão-de-obra familiar e 30% é mão-de-obra terceirizada. Pode-se observar que três propriedades têm mão-de-obra somente familiar e quatro propriedades têm mão-de-obra familiar e terceirizada. Verificando que nenhuma propriedade tem mão-de-obra somente terceirizada.

A Tabela 12 caracteriza a produção de leite na Linha Tormem. Verifica-se que o total do efetivo do rebanho corresponde a 507 cabeças. O número de vacas ordenhadas por dia é de 167 vacas. A quantidade de leite produzido por dia é de 2120 litros. A produtividade litros/vaca/dia corresponde a 12,68. Observa-se que a propriedade 5 tem a maior produtividade, 15,22 litros/vaca/dia, ficando acima da média da Linha Tormem.

De acordo com os dados levantados na propriedade 5, percebe-se que esse destaque na produtividade se dá pelo forte investimento realizado pelo produtor na atividade leiteira, pois investiu no plantel através de melhoramento da genética, inseminação artificial, alimentação e cuidados com os animais, havendo inclusive acompanhamento do manejo das pastagens. Logo, esses fatores levaram ao aumento da produtividade.

Tabela 12 – Efetivo do rebanho, número de vacas ordenhas por dia, quantidade de leite produzido por dia e produtividade litros/vaca/dia por propriedade.

Propriedade	Efetivo rebanho (cabeça)	Nº. vacas ordenhas por dia	Quantidade de leite produzido por dia	Produtividade litros/vaca/dia
1	34	15	120	8
2	24	10	130	13
3	40	16	200	12,50
4	60	17	200	11,76
5	55	23	350	15,22
6	24	11	120	10,91
7	270	75	1000	13,33
Total	507	167	2120	12,69

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir da pesquisa de campo (2007).

Verificou-se que o manejo utilizado na produção de leite de todas as propriedades é mecanizado. Em relação aos investimentos realizados na produção de leite nos últimos cinco anos, os sete produtores afirmaram que estão investindo na atividade. A pesquisa levantou os principais investimentos efetuados pelos produtores entrevistados: ordenha (100%), tanque de resfriamento a granel (86%), inseminação artificial (100%) e melhoria na infra-estrutura (100%).

Esses investimentos foram fomentados através de recursos próprios dos produtores e financiamentos. Em uma propriedade, os investimentos foram realizados somente com recursos próprios, provenientes da atividade leiteira. Os demais produtores afirmaram que utilizaram recursos próprios, mas que também efetuaram financiamentos.

O leite produzido na Linha Tormem é comercializado para terceiros. Três propriedades comercializam para o Laticínio Coordilac, duas propriedades para o Laticínio Natuleite, uma propriedade para o Laticínio Bom Gosto e uma propriedade para o Laticínio Tirol.

Conforme depoimento de um dos produtores pôde-se verificar o porquê da participação de três laticínios comercializando o leite em uma localidade que tem somente sete produtores. Segundo o produtor, a Linha Tormem é de fácil acesso por ser próxima da cidade e do asfalto (Acesso BR 282). As estradas conseguem ser trafegadas em melhores condições ao se comparar com outras localidades. As propriedades são próximas umas das outras. Esses fatores fazem com que os

laticínios realizem freqüentes propostas para os produtores, com intenção de reduzir o custo de transporte do laticínio, pois se torna viável recolher o leite de mais propriedades em vez de recolher de apenas uma. Há concorrência entre os mesmos, conforme o depoimento do produtor, essa concorrência faz com que o produtor retorne a negociar junto ao seu laticínio o preço do leite.

Para evidenciar a visão dos produtores sobre a importância socioeconômica da produção de leite, eles foram questionados sobre a relevância da atividade leiteira na propriedade. Todos os produtores afirmaram que a atividade leiteira tem importância nas suas propriedades e os aspectos específicos foram os seguintes:

- uma alternativa de produção nas propriedades com menores extensões de terra;
- a produção otimiza as extensões de terras em que não podem ser realizadas plantações devido o relevo;
- renda mensal da produção, devido às outras atividades não disponibilizarem renda mensal; e
- atividade que atualmente, proporciona maior rentabilidade e retorno do capital investido se comparada às outras atividades agrícolas.

Esses aspectos levantados pelos produtores de leite da Linha Tormem reafirmam as proposições de Testa et al. (2003), descritas na seção anterior.

A pesquisa junto aos produtores de leite da Linha Tormem buscou também levantar informações para analisar a relação entre a produção de leite e o desenvolvimento regional. Questionou-se se a renda gerada pela produção de leite está contribuindo para o acesso a serviços de saúde, educação, moradia digna, transporte, lazer e outros serviços que os produtores identificassem. O acesso a estes serviços foram escolhidos, pois de acordo com Brose (1999), representam o desenvolvimento de uma região.

Em relação ao acesso a saúde, serviços médicos e remédios, os produtores afirmaram não possuir um plano de saúde privado, exceto o produtor da propriedade 7, que afirmou que sua família possui plano de saúde particular e que a renda disponibilizada pela atividade contribui para tanto.

Os outros produtores utilizam o Sistema Único de Saúde (SUS). Observou-se que mesmo os produtores que não possuem plano de saúde particular, quando não conseguem todos os atendimentos, serviços e remédios no SUS, procuram atendimento particular. Assim, na falta do serviço público, a renda proveniente da produção de leite colabora com o acesso a saúde.

Nas propriedades 3, 4, 6 e 7 os produtores também afirmaram que são associados ao Sindicato Rural e utilizam os benefícios. O sindicato tem convênios com profissionais da saúde, o que viabiliza o acesso a serviços de saúde dos produtores com menores custos.

O produtor 5, no seu depoimento mencionou uma visita mensal de uma assistente de saúde do posto do Bairro Belvedere. Essa assistente procura identificar as necessidades que a família tem em relação a serviços de saúde, repassa informações e orienta como as famílias devem proceder para suprir suas necessidades. Percebe-se que as famílias estão relativamente satisfeitas com o serviço público de saúde e, talvez, por isso não procurem plano de saúde particular.

Sobre o acesso à educação, exceto na propriedade 7, observa-se que os filhos dos produtores têm acesso à educação até o ensino médio através de escolas públicas. Após o término do ensino médio seus filhos passam a ter educação através de ensino privado, como ocorreu nas propriedades 2, 3 e 5, em que passaram a freqüentar cursos profissionalizantes e cursos superiores, segundo os entrevistados, com recursos provenientes da atividade leiteira.

Os produtores 2, 3, 5 e 7 participam de cursos oferecidos pela prefeitura, Epagri, Cidasc, Senar e outros órgãos e instituições. Esses cursos, feiras e palestras são sobre a atividade leiteira, inseminação artificial, pastagens, manejos, melhoramento do plantel, uso adequado de medicamentos e controle de doenças bovinas. Segundo produtor 2, além dos cursos sobre a atividade, também realiza cursos sobre culinária/panificação, fruticultura e apicultura.

Os produtores 1, 4 e 6, apesar de não freqüentarem cursos e palestras, afirmaram que têm acesso a informações através de revistas, jornais e meios de comunicações.

Observa-se que os produtores realizam investimentos de longo prazo, com a renda da atividade leiteira, através da educação. Todos os filhos dos produtores têm acesso à educação, alguns já concluíram o ensino médio e logo ingressaram em cursos profissionalizantes e cursos superiores. Identificou-se que os jovens que ainda não concluíram o ensino médio pretendem cursar ensino superior, isso pelo incentivo dos produtores (seus pais) como uma forma de melhoramento do bem estar da família no longo prazo.

Referente ao acesso à moradia digna, verificou-se que em todas as propriedades há instalações telefônicas, energia elétrica e água canalizada. Constatou-se que os produtores também canalizam os recursos obtidos da atividade leiteira para investimentos de curto prazo. Adquiriram principalmente eletrodomésticos (televisão, geladeira, ventilador, rádio, computador) e móveis (pia sob medida, estante, sofá) como uma forma de estar proporcionando maior conforto e praticidade à família.

Em relação ao acesso a transportes, contatou-se que todos os produtores possuem veículos próprios que adquiriram com a renda proveniente da atividade leiteira. O meio de transporte escolar dos filhos dos produtores das propriedades 1, 2, 3, 5 e 6 é subsidiado pela a Prefeitura Municipal de Chapecó.

Conforme depoimento de um dos produtores, os horários de transportes coletivos na Linha Tormem são restritos, no início da manhã, ao meio-dia e no final da tarde, não havendo transporte no período noturno e, talvez, todos os produtores tenham investido em meios de locomoção particulares, devido à deficiência do transporte público.

Identificou-se que as principais formas de lazer dos produtores de leite da Linha Tormem, proporcionado pela renda da atividade leiteira, é realizar visitas a parentes, vizinhos e participarem de festas de comunidades. Outra forma de lazer considerada pelos produtores é a realização de viagens, como afirmada nas entrevistas das propriedades 3, 4, 5, 6 e 7.

Observa-se que a participação de festas comunitárias é uma tradição antiga realizada não apenas pelos produtores da linha Tormem, mas sim uma cultura regional, pois as comunidades do interior de Chapecó promovem festas comunitárias como uma forma de integração e arrecadação de recursos para a

comunidade.

De acordo com as informações obtidas nesta seção, percebe-se que: a atividade leiteira tem importância socioeconômica para os produtores entrevistados na Linha Tormem; em todas as propriedades, a renda auferida pela produção de leite é mais representativa comparada às outras atividades; e que a atividade leiteira está relacionada com o desenvolvimento socioeconômico da localidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo apresenta o comportamento da atividade leiteira nacional e regional. Identificaram-se as principais características dos produtores de leite da Região Oeste. Analisou-se a relação da atividade leiteira e o desenvolvimento regional, com o estudo de caso na Linha Tormem.

No que se refere ao comportamento da produção de leite nacional e regional, verificou-se uma tendência de crescimento na produção. No âmbito nacional, a produção de leite apresentou um crescimento de 60,69% entre o período de 1990 a 2005, representando um crescimento médio anual de 4,05%. No Estado de Santa Catarina, de 1990 para 2005, a produção de leite apresentou uma evolução de 139,18%. Em um comparativo com a produção nacional, no mesmo período, a produção Catarinense obteve crescimento duas vezes maior.

Constatou-se que a produção de leite do Oeste Catarinense cresce continuamente. No período de 1990 a 2005, teve uma variação de 303,19% ou crescimento médio anual de 18,95%. O crescimento da Região Oeste foi maior em comparação ao do Estado.

Verificou-se que a representatividade da produção de leite da Região Oeste está aumentando. Em 1985, a produção de leite do Oeste Catarinense representou 44,80% na produção Estadual e no ano de 2004, passou a representar 70,43% da produção do Estado. Conforme os dados, a Região Oeste é a maior e principal bacia leiteira do Estado de Santa Catarina. Esses dados reafirmaram as proposições de Testa et. al. (2003) que a atividade leiteira vem se constituindo em uma alternativa de produção para os produtores da Região Oeste.

Conclui-se com as entrevistas desenvolvidas com os produtores de leite da Linha Tormem e pelas características peculiares da atividade, que a produção de leite se adapta às propriedades com menores extensões de terra, otimiza essas extensões em que não podem ser cultivadas plantações devido ao relevo e que proporciona ocupação de mão de obra familiar, por ser uma atividade de cunho familiar.

Com o desenvolvimento da pesquisa, também se conclui que o leite é a principal atividade geradora de renda para os produtores. A renda da produção é mensal, e segundo os produtores a produção de leite atualmente proporciona maior rentabilidade e retorno do capital investido se comparada às outras atividades agrícolas. Assim se comparar a atividade leiteira com as outras atividades agrícolas, é a atividade que esta viabilizando a permanência dos produtores na zona rural, segundo os próprios produtores, logo, constatou-se a importância socioeconômica da produção de leite para a agricultura familiar.

Para avaliar a relação da atividade leiteira com o desenvolvimento, foram analisados conceitos de desenvolvimento regional que, de forma geral, associam o desenvolvimento à mudança social e aumento do bem-estar. O conceito escolhido para orientar a pesquisa é dado por Brose (1999), que relaciona o desenvolvimento regional ao acesso a serviços de saúde, educação, moradia, transporte e lazer, como forma de crescimento e oportunidade de realização pessoal. Assim, foram levantadas as condições de acesso a esses serviços a partir da renda auferida pela atividade.

Em relação ao acesso a serviços de saúde, identificou-se que os produtores têm acesso ao Sistema de Saúde (SUS), convênio com o Sindicato Rural e quando não encontram os atendimentos que precisam no setor público procuram atendimento particular. Acredita-se que as necessidades de serviços de saúde vêm sendo supridas pelo setor público, o que pode ser a causa de as famílias não demandarem planos de saúde particulares.

No que se refere ao acesso à educação, observou-se que os produtores investem na profissionalização, buscam atualidades e informações para o melhoramento da propriedade no desenvolvimento da atividade leiteira. Os produtores têm baixo nível de escolaridade, mas investem, com os recursos do leite,

na formação profissional de seus filhos. Realizam investimentos de longo prazo, como em educação, para proporcionar futuramente um maior bem-estar para a família.

Os produtores de leite entrevistados têm acesso à moradia digna, com instalações telefônica, elétrica e água canalizada. A atividade leiteira proporciona aos produtores efetuar investimentos que aumentam o bem-estar da família no curto prazo, tais como, aquisições de móveis e eletrodomésticos.

Identificou-se que há uma deficiência no transporte coletivo oferecido pela Prefeitura Municipal de Chapecó e, provavelmente, por isso todos os produtores possuem veículos próprios e canalizam os recursos da atividade leiteira para aquisição de meio de transporte próprio.

A principal forma de lazer dos produtores são participações em festas comunitárias, que são tradicionais na região, principalmente nas localidades da zona rural.

Conclui-se, com o estudo de caso, que a atividade leiteira tem importância socioeconômica para as famílias da Linha Tormem. A atividade leiteira vem alavancando o desenvolvimento das propriedades e sendo uma alternativa de produção, ocupação de mão-de-obra familiar, otimizadora dos recursos naturais das propriedades e principalmente geradora de renda.

A renda auferida pela atividade leiteira, de alguma forma, está proporcionando aos produtores o acesso a serviços de saúde, educação, moradia, transporte e lazer. Assim, de acordo com o conceito de Brose (1999), a produção de leite promove o desenvolvimento regional.

Os resultados apresentados e as considerações apontadas são apenas válidas para a localidade da Linha Tormem, onde foram realizadas as entrevistas, pois não se conhece as condições socioeconômicas dos produtores de leite em outras regiões do município de Chapecó.

A partir desta pesquisa, identifica-se a relevância e a necessidade de aprofundar a pesquisa em outras localidades, com o intuito de constatar a realidade dos produtores de leite da Região Oeste, a fim de qualificar e quantificar as informações sobre o tema. Espera-se que este artigo contribua para a formulação e

o desenvolvimento de políticas que incentivem os produtores a investir na atividade, evitando o êxodo rural e promovendo o desenvolvimento regional.

ABSTRACT

The objective of this study is to identify the socio-economic relevance of milk production to family farming and regional development. The national and regional production were presented, emphasizing the west of the state of Santa Catarina. A case study, based in interviews, was done in Linha Tomem, Chapecó – SC. Broses's concept of regional development, which includes aspects of health, education, professional specialization, housing, transport, leisure and others, was used. The main results show that the milk production, in Linha Tormem, is socio-economic relevant and promotes development.

Key-words: Milk, family farming, regional development

NOTAS

¹Professora assistente - FACE/UFG, Doutoranda em economia aplicada - ESALQ/USP

²Especialista e graduada em economia – Unochapecó

³ Para preservar a identidade dos produtores, não são citados nomes de proprietários ou de propriedades. Essas propriedades são numeradas e tratadas como propriedades de 1 a 7.

REFERÊNCIAS

AREND, S. C.; ORLOWSKI, R. F. Indicadores de desenvolvimento sócio-econômico na região da AMOSC. *Redes*. Santa Cruz: Universidade de Santa Cruz do Sul, v.11, n.1, p.142-162, jan./abr.2006.

BROSE, M.. *Agricultura familiar, desenvolvimento local e políticas públicas: Nove anos de experiência do Projeto PRORENDA agricultura familiar no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999. 347p.

EMBRAPA. *Gado de leite sistema de produção*, 2006. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Leite/LeiteCerrado/importancia.html>. Acesso em 18 nov. 2006.

EMBRAPA. *Estatística do leite: leite número*. Disponível em: <http://www.cnpagl.embrapa.br/leite/index.php>. Acesso em 15 dez. 2006.

GIL, A. C. Redes cooperativas regionais e governança. *Redes*. Santa Cruz: Universidade de Santa Cruz do Sul, v.7, n.3, p.61-84, set./dez.2002.

MELLO, M. A.; SCHMIDT, W. A cadeia produtiva do leite e a agricultura familiar do Oeste de Santa Catarina: possibilidades para o desenvolvimento. *Cadernos de Economia*. Chapecó: Argos, v. 6 n.10, p. 7-30 jan./jun.2002

MIOR, L. C. *Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural*. Chapecó: Argos, 2005. 338p.

OLIVEIRA, G. B. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista da FAE*. Curitiba, v.5, n.2, p. 37-48, maio/ago.2002

SCHNEIDER, S. *A pluratividade na agricultura familiar*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. 254p.

SEMINÁRIO MACRORREGIONAL DA ATIVIDADE LEITEIRA, 1., 2000 mai. 25, Chapecó. *Anais...* Chapecó: Secretaria de Estado do Desenvolvimento Rural da Agricultura S.A, 2000.

SILVA, C. A. F. et al. *Migração rural e estrutura agrária no oeste catarinense*. 2. ed. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2003. 99p.

SOUZA, O. T. *O setor leiteiro: Políticas, competitividade e impactos da liberalização comercial nos anos noventa*. 1999. 130 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TESTA, V. M. et al. *A escolha da trajetória da produção de leite como estratégia de desenvolvimento do Oeste Catarinense*. Florianópolis: SAR, 2003. 130p.

TESTA, V. M. et al. *O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense (proposta para discussão)*. Florianópolis: Epagri, 1996. 247p.

APÊNDICE – Resultados das entrevistas

Tabela 13 – Nível de escolaridade da pessoa responsável pela propriedade.

Propriedade	Nível de escolaridade
1	Ens. Fund. Incompleto
2	Ens. Fund. Completo
3	Ens. Fund. Completo
4	Ens. Fund. Incompleto
5	Ens. Fund. Incompleto
6	Ens. Fund. Incompleto
7	Ens. Fund. Incompleto

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).

Tabela 14 – Número de pessoas dependentes da renda familiar.

Propriedade	Número de pessoas
1	3
2	5
3	5
4	2
5	4
6	3
7	6
Total	28

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).

Tabela 15 – Renda mensal do grupo familiar.

Propriedade	Renda mensal (R\$)
1	1.611,00
2	2.800,00
3	5.000,00
4	6.200,00
5	6.000,00
6	2.400,00
7	18.000,00
Total	42.011,00

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).

Tabela 16 – Área da propriedade e área utilizada para atividade leiteira.

Propriedade	Área total da propriedade (ha)	Área utilizada para atividade leiteira (ha)
1	21	17
2	9	9
3	7	7
4	41	39
5	31	29
6	39	12
7	90	40
Total	238	153

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).

Tabela 17 – Atividades desenvolvidas nas propriedades.

Atividades	Número de produtores	(%)
Produção de leite	7	100%
Milho	7	100%
Avicultura	2	29%
Soja	2	29%
Trigo	1	14%

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).

Tabela 18 – Mão-de-obra utilizada na produção de leite.

Propriedade	Mão-de-obra		
	Familiar	Terceirizado	Total
1	3	-	3
2	3	-	3
3	2	1	3
4	1	1	2
5	3	1	4
6	2	-	2
7	2	4	6
Total	16	7	23

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).

Tabela 19 – Principais investimentos na produção de leite nos últimos cinco anos.

Investimentos	Número de produtores	(%)
Ordenha	7	100%
Tanque resfriamento a granel	6	86%
Inseminação artificial	7	100%
Melhoria na infra-estrutura / estábulo	7	100%

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras a partir da pesquisa de campo (2007).